

“DESCOLONIZANDO O CONHECIMENTO”

Uma Palestra-Performance de Grada Kilomba

"Cheguei à teoria porque estava sofrendo, a dor dentro de mim era tão intensa que eu não poderia continuar a viver. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender, querendo entender o que estava acontecendo ao meu redor. Acima de tudo, cheguei à teoria porque queria fazer a dor ir embora. Eu vi, na teoria, um local para a cura." (bell hooks, In: *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, p.59).

1. A MÁSCARA

#1 Vídeo fotográfico

Na sala de estar da casa da minha avó, havia uma imagem da Escrava Anastácia, pregada acima do sofá, no lado esquerdo da parede. Toda sexta-feira, colocávamos uma vela, uma flor branca, um copo de água limpa e uma tigela de café fresquinho – sem açúcar. A minha avó costumava me contar como Escrava Anastácia havia sido encarcerada numa máscara – como isso era comum e se passava com todos aqueles/as que falavam palavras de emancipação durante a escravidão – e eu, dizia minha avó, deveria sempre me lembrar dela.

Claro que me lembro, porque esta história foi memorizada. Não posso esquecê-la. O passado colonial está memorizado de tal maneira, que se torna impossível esquecê-lo. Às vezes, preferiria não me lembrar, mas, na verdade, é algo que não se pode esquecer. A teoria da memória é, na realidade, uma teoria do esquecimento. Não se pode simplesmente esquecer e não se consegue evitar lembrar.

A máscara não pode ser esquecida. Ela foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de 300 anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito Negro, instalado entre a língua e a mandíbula e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores *brancos* para evitar que africanos/as escravizados/as comessem cana-de-açúcar, cacau ou café, enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo.

Por isso, a máscara levanta tantas perguntas: Quem pode falar? Quem não pode? E acima de tudo, **sobre o que podemos falar? Por que** a boca do sujeito Negro tem que ser calada? Por que ela, ele,

ou eles/elas têm de ser silenciados/as? O que o sujeito Negro poderia dizer se a sua boca não estivesse tampada? E o que é que o sujeito *branco* teria que ouvir?

Existe um medo apreensivo de que, se o/a colonizado/a falar, o/a colonizador/a terá que ouvir e seria forçado/a a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do 'Outro'. Verdades que supostamente não deveriam ser ditas, ouvidas e que "deveriam" ser mantidas "em silêncio como segredos". Gosto muito dessa expressão, "mantidas em silêncio como segredos", pois ela anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar algo que se presume não ser permitido dizer (o que se presume ser um segredo). Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo.

O medo de ouvir o que possivelmente poderia ser revelado pelo sujeito Negro pode ser articulado com a noção psicanalítica de *repressão*, uma vez que a repressão "consiste em afastar algo e mantê-lo à distância do consciente". (Freud 1923, p.17). Este é o processo pelo qual certas verdades só podem existir (na profundidade do oceano, bem lá no fundo) no inconsciente, bem longe da superfície – devido à ansiedade extrema, culpa ou vergonha que elas causam. Imaginem um iceberg flutuando na água azul, todas as verdades reprimidas ainda estão lá, porém imersas e reprimidas na profundidade. Ou seja, o sujeito sabe, mas quer tornar (e manter) o conhecido, desconhecido.

"Eu não entendo..."

"Eu realmente não me lembro..."

"Eu não acredito..."

"Eu acho que você está exagerando..."

"Eu acho que você é demasiado sensível..."

Estas são expressões deste processo de repressão, pelas quais o sujeito resiste, insistido em tornar a informação inconsciente, consciente – e mas ainda, mantendo-a como um segredo.

A boca é um órgão muito especial, ela simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo, ela se torna o órgão da opressão por excelência, pois é o órgão que enuncia certas verdades desagradáveis e precisa, portanto, ser severamente confinada, controlada e colonizada.

Falar torna-se, então, praticamente impossível. Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes têm sido constantemente silenciadas através de um sistema racista. Esta

impossibilidade ilustra como falar e silenciar emergem como um projeto análogo. Um projeto entre o sujeito falante e os seus/suas ouvintes.

Hoje, aqui neste cenário, vocês são os/as ouvintes, e eu sou a sujeita falante. Mas o que aconteceria se vocês parassem de ouvir, mesmo se eu continuasse a falar? Será que eu continuaria sendo a sujeita falante? Gostaria de contar até três e então pedir-lhes para falarem...

#2 EXERCÍCIO

Como vocês podem ver, o ato de falar é como uma negociação entre quem fala e quem ouve, ou seja, entre os sujeitos falantes e seus/suas ouvintes. Ouvir é, neste sentido, o ato de autorização para quem fala. Eu só posso falar, se a minha voz for ouvida. Mas ser ouvida vai para além desta dialética. Ser ouvida também significa pertencer. Sabemos que aqueles/as que pertencem são aqueles/as que são ouvidos/as. E aqueles/as que não são ouvidos/as são aqueles/as que não pertencem. A máscara recria este projeto de silenciamento, controlando a possibilidade de que colonizados/as possam um dia ser ouvidos/as e, conseqüentemente, possam pertencer.

#3 Filme 1: "CONAKRY"

Quando eu falo? O que é que você escuta? E o que é que você não quer escutar? Qual conhecimento você reconhece como tal? E qual conhecimento continua desconhecido?

Eu gostaria de ler para vocês a segunda história.

II. QUEM PODE FALAR?

No primeiro dia de cada semestre, conto quantos/as estudantes há na sala e então peço para que levantem a mão caso saibam as respostas para minhas perguntas. Começo fazendo perguntas muito simples, como: O que foi a Conferência de Berlim de 1884-1885? Quais países asiáticos e africanos foram colonizados pela Alemanha? Quantos anos durou a colonização alemã? E concluo com perguntas mais específicas, tais como: Quem foi Amílcar Cabral e qual foi seu papel no movimento de libertação? Quem foi a Rainha Nzinga? Quando Patrice Lumumba foi assassinado (14 de setembro de 1960?). Quem foi May Ayim? Quem escreveu *Pele Negra, Máscaras Brancas*? Nomeie um livro da Audre Lorde.

(África dividida em pedaços: um pedaço português, um espanhol, um francês, um italiano, um

britânico, um belga e um alemão).

Havia cerca de 80 a 100 estudantes em meus seminários e a maioria relutava em responder. Até que, por fim, alguns estudantes Negros/as e/ou racializados/as começaram a levantar suas mãos cuidadosamente em sinal de resposta, deixando-as no ar, conforme havia sido pedido. Neste momento específico, a sala tornou-se um espaço performativo, no qual a ideia de conhecimento estava sendo exposta e questionada. Os/as estudantes puderam visualizar como o conceito de conhecimento está intrinsecamente relacionado a raça, gênero e poder. De repente, aqueles/as que geralmente não são vistos/as tornaram-se visíveis, e aqueles/as que sempre são vistos/as tornaram-se invisíveis. Pessoas que estavam quase sempre quietas começaram a falar e aqueles/as que sempre falam calaram-se. Calaram-se não porque não podem articular suas vozes ou línguas, mas sim porque não possuem este conhecimento. Quem sabe o quê e quem não? E por quê?

Qual conhecimento é reconhecido como tal?

E qual conhecimento não o é?

Qual conhecimento tem feito parte das agendas e currículos oficiais?

E qual conhecimento não faz parte de tais currículos?

A quem pertence este conhecimento?

Quem é reconhecido/a como alguém que tem conhecimento?

E quem não é?

Quem pode ensinar conhecimento?

Quem pode produzir conhecimento?

Quem pode performá-lo?

E quem não pode?

O conceito de conhecimento não se resume a um simples estudo apolítico da verdade, mas é sim a reprodução de relações de poder raciais e de gênero, que definem não somente o que conta como verdadeiro, bem como em quem acreditar. Algo passível de se tornar conhecimento torna-se então toda epistemologia que reflete os interesses políticos específicos de uma sociedade *branca colonial e patriarcal*.

Por favor, deixem-me lembrar-lhes o que significa o termo epistemologia. O termo é composto pela palavra grega *episteme*, que significa conhecimento, e *logos*, que significa ciência. Epistemologia é, então, a ciência da aquisição de conhecimento, que determina:

1. (os temas) quais temas ou tópicos merecem atenção e quais questões são dignas de serem feitas com o intuito de produzir conhecimento verdadeiro.
2. (os paradigmas) quais narrativas e interpretações podem ser usadas para explicar um fenômeno, isto é, a partir de qual perspectiva o conhecimento verdadeiro pode ser produzido.
3. (os métodos) e quais maneiras e formatos podem ser usados para a produção de conhecimento confiável e verdadeiro.

Epistemologia, como eu já havia dito, define não somente como, mas também quem produz conhecimento verdadeiro e em quem acreditarmos.

É comum ouvirmos o quão interessante nosso trabalho é, mas também ouvimos o quão específico ele é:

“Isso não é nada objetivo!”,

“Você tem que ser neutra...”,

“Se você quiser se tornar uma acadêmica, não pode ser pessoal”.

“A ciência é universal, não subjetiva”.

“Seu problema é que você superinterpreta a realidade, você deve se achar a rainha da interpretação!”

Tais comentários ilustram uma hierarquia colonial, pela qual pessoas Negras e racializadas são demarcadas. Assim que começamos a falar e a proferir conhecimento, nossas vozes são silenciadas por tais comentários, que, na verdade, funcionam como máscaras metafóricas. Tais observações posicionam nossos discursos de volta para as margens como conhecimento ‘des-viado’ e desviante enquanto discursos *brancos* permanecem no centro, como norma.

Quando eles falam, é científico, quando nós falamos, não é científico.

Universal / específico;

objetivo / subjetivo;

neutro / pessoal;

racional / emocional;

imparcial / parcial;

eles têm fatos, nós temos opiniões; eles têm conhecimento; nós, experiências.

Nós não estamos lidando aqui com uma “coexistência pacífica de palavras” (Jacques Derrida, *Positions*, University of Chicago Press, Chicago, 1981), mas sim com uma hierarquia violenta que determina *quem pode falar*.

Vídeo: Memórias da Plantação¹, Parte II, “De onde você vem?”

O último comentário, em particular, tem dois momentos muito cruciais. O primeiro momento é uma forma de advertir, que descreve o ponto de vista de uma mulher Negra como uma distorção da verdade, expressada aqui através da palavra “superinterpretação.” A colega, também do sexo feminino, me advertia que eu estava interpretando em demasia, extrapolando as normas da epistemologia tradicional e, portanto, estaria produzindo conhecimento inválido. Parece-me que esta ideia de superinterpretação tem a ver com a ideia de que o/a *oprimido/a* está vendo “algo” que não deve ser visto e de que está prestes a dizer “algo” que não é para ser dito.

Curiosamente, também nos discursos feministas, homens cis tentam tornar irracional o pensamento de mulheres, como se tais interpretações feministas não passassem de uma fabricação da realidade, uma ilusão, talvez até uma alucinação feminina. Dentro desta constelação, no entanto, é uma mulher *branca* que irracionaliza meu próprio pensamento, e ao fazer isto, ela ‘esclarece’ à mulher Negra o que o academicismo “de verdade” é e como deve ser expressado. Este fato revela a complexidade da interseccionalidade entre gênero, “raça” e poder.

Em um segundo momento, ela fala então de lugares hierárquicos, fala de uma rainha que ela fantasia que eu queira ser, mas em quem não posso me converter. A rainha é, de fato, uma metáfora interessante. É uma metáfora sobre poder. É também uma metáfora da ideia de que certos corpos pertencem a determinados lugares.

Tal demarcação de espaços introduz uma dinâmica na qual Negritude significa “*estar fora de lugar*”. Dizem-me que estou fora do meu lugar, como um corpo que não está em casa. Dentro do racismo, corpos Negros são construídos como corpos impróprios, abjetos, “*deslocados*” e logo, como corpos que não pertencem. Corpos *brancos*, ao contrário, são construídos como aceitáveis, corpos em casa, “*no lugar*”, corpos que sempre pertencem. Através de tais comentários, pessoas Negras são persistentemente convidadas a voltar para o “*lugar delas*”, longe da academia, nas margens, onde seus corpos estão “em casa.”

¹ A *plantation*, ou plantação, foi um sistema de exploração colonial utilizado entre os séculos XV e XIX principalmente nas colônias europeias da América. Ele consiste em quatro características principais: grandes latifúndios, monocultura, trabalho escravo e exportação para a metrópole. A *plantation* criava ainda uma estrutura social de dominação centrada na figura do proprietário do latifúndio, o senhor, que controlava a vida das pessoas escravizadas, ou não.

A academia não é um lugar neutro, tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e de sabedoria, da ciência e erudição, mas também é um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a. Ela tem uma relação muito problemática com Negritude. Aqui, temos sido objetificados/as, classificados/as, teorizados/as, desumanizados/as, infantilizados/as, criminalizados/as, brutalizados/as, sexualizados/as, expostos/as, exibidos/as e, por vezes, mortos/as.

“O que mais isso poderia ser para mim”, pergunta Fanon, “senão uma amputação, uma excisão, uma hemorragia que respinga meu corpo inteiro com sangue negro?”. (1968, p.112) Fanon utiliza a linguagem do trauma, como a maioria das pessoas Negras quando falam sobre experiências cotidianas de racismo, indicando um doloroso impacto corporal e a perda característica de um colapso traumático, pois no racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ele/ela possa realmente ter. “Eu sentia lâminas de facas me abrindo de dentro para fora... Eu não conseguia mais rir” (1969, p.112), observa. De fato, não há nada de que se rir, pois alguém está sendo sobredeterminado/a exteriormente por fantasias violentas que ele/a vê, mas que não reconhece sendo ele/a próprio/a.

“Não posso ir ao cinema”, escreve Fanon, “espero por mim.” (1968, p.140) Ele espera pelo Negro selvagem, pelo Negro bárbaro, pelos(as) serviçais Negros(as), pelas Negras prostitutas, putas e cortesãs, pelos Negros(as) criminosos(as), assassinos(as) e traficantes. Ele espera por aquilo que ele não é.

Vídeo: Memórias da Plantação Parte I, “Estamos falando sobre negação...”

Que alienação ser forçado a identificar-se e a performatizar a si mesmo/a partir do roteiro feito pelo sujeito *branco*. Que decepção sermos forçados/as a olhar para nós mesmos/as como se estivéssemos no lugar deles/as. E que dor encontrar-se preso/a nesta ordem colonial.

Esta parece ser uma informação muito pessoal. Mas tal informação, aparentemente “confidencial”, não é nada privada. Estas não são histórias pessoais ou reclamações íntimas, mas sim relatos de racismo dentro de espaços acadêmicos, artísticos e culturais. Eles revelam a inadequação desses espaços em se relacionar não só com a “condição pós-colonial”, mas também com os seus sujeitos, discursos, perspectivas, narrativas e conhecimentos – e estas deveriam ser as nossas preocupações.

Para descolonizar o conhecimento, temos que entender que todos/as nós falamos de tempos e de lugares específicos, a partir de realidades e histórias específicas. Não existem discursos neutros.* Quando os acadêmicos/as *brancos/as* afirmam ter um discurso neutro e objetivo, eles/as não estão

reconhecendo que também escrevem a partir de um lugar específico, que, naturalmente, não é neutro nem objetivo, tampouco universal, mas dominante. Eles/as escrevem a partir de um lugar de poder.

Há esta anedota: uma mulher Negra diz que ela é uma mulher Negra, uma mulher branca diz que ela é uma mulher, um homem branco diz que é uma pessoa. Branquitude, como outras identidades no poder, permanecem sem nome. É um centro ausente, uma identidade que se coloca no centro de tudo, mas tal centralidade não é reconhecida como relevante, porque é apresentada como sinônimo de humano. Em geral, pessoas brancas não se veem como brancas, mas sim como pessoas. A branquitude é sentida como a condição humana. No entanto, é justamente esta equação que assegura que a branquitude continue sendo uma identidade que marca outras, permanecendo não marcada. E acreditem em mim, não existe uma posição mais privilegiada do que ser apenas a norma e a normalidade.

Descolonizar o conhecimento significa criar novas configurações de conhecimento e de poder. Então, se minhas palavras parecem preocupadas demais em narrar posições e subjetividade como parte do discurso, vale a pena lembrar que a teoria não é universal nem neutra, mas sempre localizada em algum lugar e sempre escrita por alguém, e que este alguém tem uma história.

Vídeo 4: Enquanto escrevo

Grada Kilomba veio a São Paulo a convite do Goethe-Institut para participação na Mostra Internacional de Teatro (MITsp) e no Massa Revoltante, projeto que faz parte dos Episódios do Sul (Goethe-Institut).

Tradução: Jessica Oliveira